



mamíferos

Fernanda Góss Braga

Os mamíferos nos Campos Gerais

Mamíferos são animais pertencentes à classe Mammalia, com grande diversidade de espécies. Suas principais características são o corpo coberto de pêlos, a capacidade de manter a estabilidade da temperatura corporal, a fecundação interna, o desenvolvimento do filhote dentro do corpo materno, a produção de leite por meio de glândulas mamárias, e os cuidados prolongados da mãe. Destaca-se ainda a maior capacidade do crânio correlacionada ao aumento do tamanho do encéfalo, que junto às demais características conferem ao grupo melhores condições de sobrevivência. Por outro lado, outras características tornam algumas espécies vulneráveis, dentre elas o grande tamanho corporal, a organização social complexa, o tamanho populacional reduzido e/ou a distribuição geográfica restrita.

A região dos Campos Gerais abriga cerca de 54% do total de mamíferos terrestres registrados no estado do Paraná, com 98 espécies conhecidas (Tabela 12.1), distribuídas em dez ordens distintas. Isso é possível devido à grande complexidade de ambientes ali encontrados, que favorece a ocorrência de espécies com os mais diferentes requisitos ecológicos. A lista de mamíferos aqui apresentada é fruto de revisão bibliográfica, bem como de consulta à coleção de mamíferos do Museu de História Natural Capão da Imbuia.

As dez ordens de mamíferos ocorrentes nos Campos Gerais estão representadas em 24 famílias. Das 30 espécies de mamíferos terrestres ameaçadas de extinção no estado do Paraná e das 23 presumivelmente ameaçadas (Mikich & Bernils 2004), ocorrem nos Campos Gerais respectivamente 23 e 13 (Tabela 12.2).

Ordem	Campos Gerais	Paraná*	Ameaçadas (PR/CamposGerais)	DadosDeficientes (PR/CamposGerais)
Didelphimorphia	10	18	-	07/02
Pilosa	02	02	01/01	00/00
Cingulata	04	05	00/00	02/02
Chiroptera	30	49	07/05	06/02
Primates	02	05	04/01	-
Carnivora	18	19	09/08	05/04
Perissodactyla	01	01	01/01	-
Artiodactyla	06	08	05/04	03/03
Rodentia	24	36	01/01	-
Lagomorpha	01	01	01/01	-
Total	98	144	30/23	23/13

Tabela 12.1: Número de espécies de mamíferos terrestres ocorrentes nos Campos Gerais.

* Espécies terrestres



Ordem	Família	Espécie	Categoria de ameaça no PR
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Didelphisalbiventris</i>	-
		<i>Didelphisaurita</i>	-
		<i>Marmosamicrotarsus</i>	-
		<i>Monodelphisdimidiata</i>	-
		<i>Monodelphisiheringii</i>	-
		<i>Chironectesminimus</i>	DD
		<i>Gracilinanusagilis</i>	DD
		<i>Gracilinanusmicrotarsus</i>	-
		<i>Lutreolinacrassicaudata</i>	DD
		<i>Philanderfrenata</i>	-
Pilosa	Myrmecophagidae	<i>Myrmecophagatridactyla</i>	CR
		<i>Tamanduatetradactyla</i>	-
Cingulata	Dasypodidae	<i>Cabassoustatouay</i>	DD
		<i>Euphractussexcinctus</i>	-
		<i>Dasypusnovemcinctus</i>	-
		<i>Dasypusseptemcinctus</i>	DD
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Chropterusauritus</i>	VU
		<i>Anouracaudifer</i>	-
		<i>Anourageoffroyi</i>	-
		<i>Artibeuslituratus</i>	-
		<i>Artibeusfimbriatus</i>	-
		<i>Artibeusobscurus</i>	-
		<i>Microcycterismegalotis</i>	-
		<i>Mimonbennetti</i>	VU
		<i>Glossophagasoricina</i>	-
		<i>Caroliaperspicilata</i>	-
		<i>Pygoderma bilabiatum</i>	-
		<i>Sturniralilium</i>	-
		<i>Desmodusrotundus</i>	-
		<i>Diaemusyoungi</i>	CR
	<i>Diphylla ecaudata</i>	VU	
	Vespertilionidae	<i>Epitesicusbrasiliensis</i>	-
		<i>Epitesicusfurnularis</i>	-
		<i>Epitesicusdiminutus</i>	-
		<i>Histiotusvelatus</i>	-
		<i>Lasiurus borealis</i>	-
		<i>Myotisruber</i>	DD
		<i>Myotislevis</i>	-
		<i>Myotisnigricans</i>	-
		<i>Myotisalbescens</i>	-
	Molossidae	<i>Molossusater</i>	-
<i>Molossusmolossus</i>		-	
<i>Tadaridabrasiliensis</i>		-	
<i>Nyctinomopslaticaudatus</i>		-	
<i>Eumopshansae</i>		VU	
<i>Eumopsauripendulus</i>	-		
Primates	Atelidae	<i>Alouatta guariba</i>	VU
	Cebidae	<i>Cebus apella</i>	-



Ordem	Família	Espécie	Categoria de ameaço PR
Carnivora	Canidae	<i>Chrysocyonbrachyurus</i>	EN
		<i>Speothosvenaticus</i>	CR
		<i>Cerdocyonthous</i>	-
		<i>Lycalopexgimnocercus</i>	DD
		<i>Lycalopexvetulus</i>	DD
	Felidae	<i>Pantheraonca</i>	CR
		<i>Pumaconcolor</i>	VU
		<i>Pumayagouaroundi</i>	DD
		<i>Leoparduspardalis</i>	VU
		<i>Leopardustigrinus</i>	VU
		<i>Leoparduswiedii</i>	VU
	Mustelidae	<i>Lontralongicaudis</i>	VU
		<i>Pteronurabrasiliensis</i>	CR
		<i>Conepatuschinga</i>	DD
		<i>Galictis</i> sp.	-
		<i>Eirabarbara</i>	-
	Procyonidae	<i>Procyoncancrivorus</i>	-
<i>Nasuanasua</i>		-	
Perissodactyla	Tapiridae	<i>Tapirusterrestris</i>	EN
Artiodactyla	Cervidae	<i>Ozotocerosbezoarticus</i>	CR
		<i>Mazamanana</i>	VU
		<i>Mazamaamericana</i>	DD
		<i>Mazamagouazoubira</i>	DD
	Tayassuidae	<i>Tayassupehari</i>	CR
		<i>Pecaritajacu</i>	VU
Rodentia	Sciuridae	<i>Guerlinguetusingrami</i>	-
	Cricetidae	<i>Delomys</i> sp.	-
		<i>Calomys</i> sp.	-
		<i>Calomyscallosus</i>	-
		<i>Oximycterus</i> sp.	-
		<i>Oximycterusjudex</i>	-
		<i>Oryzomys</i> sp.	-
		<i>Oligoryzomysnigripes</i>	-
		<i>Oligoryzomysflavescens</i>	-
		<i>Bolomyslasiurus</i>	-
		<i>Nectomyssquamipes</i>	-
		<i>Akodon</i> sp.	-
		<i>Akodonnigrita</i>	-
		<i>Akodoncursor</i>	-
		<i>Akodonserrensis</i>	-
		<i>Brucepatersonius</i> sp.	-
		<i>Holochylus</i> sp.	-
	<i>Oecomys</i> sp.	-	
	Erethizontidae	<i>Sphiggurusvillosus</i>	-
	Caviidae	<i>Caviaaperea</i>	-
	Hydrochaeridae	<i>Hydrochoerushydrochaeris</i>	-
	Dasyproctidae	<i>Dasyproctaazarae</i>	-
	Agoutidae	<i>Cuniculuspaca</i>	EN
Myocastoridae	<i>Myocastorcoypus</i>	-	

Tabela 12.2: Espécies de mamíferos ocorrentes nos Campos Gerais.

(CR - criticamente em perigo; EN - em perigo; VU - vulnerável; DD - dados deficientes/presumivelmente ameaçada)

Ordem Didelphimorphia

Reúnem os marsupiais, animais de pequeno porte cuja principal característica é a presença de marsúpio, uma bolsa situada na parte ventral do corpo da mãe que abriga os filhotes até completarem o seu desenvolvimento; dentro dela estão situadas as mamas, que os alimentam nas primeiras semanas de vida. Em algumas espécies o marsúpio é ausente e as mamas são externas. Também apresentam o polegar oponível em relação aos demais dedos, que possibilita subir em árvores com maior segurança e também manipular alimentos. Possuem dentição bem desenvolvida e são onívoros, com predominância à carnivoría. Têm hábitos predominantemente noturnos e podem ser arborícolas (com cauda preênsil), terrestres ou ainda aquáticos.

Na região dos Campos Gerais ocorrem pelo menos dez espécies de marsupiais, dentre elas o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), o gambá-de-orelha-preta (*Didelphis marsupialis*; Figura 12.1), a cuíca-lanosa (*Lutreolina crassicaudata*), a cuíca-d'água (*Chironectes minimus*), a cuíca (*Monodelphis iheringii*; Figura 12.2) e as guaicuicas (*Gracilinamus agilis* e *G. Microtarsus*).



Figura 12.1: Gambá-de-orelha-preta, Jaguariaíva, 2004.
Foto: Acervo Bio situ



Figura 12.3: Tamanduá-bandeira, Pirai do Sul, 2002.
Foto: Fernanda Góss Braga

Ordem Pilosa

É uma ordem exclusiva das Américas, à qual pertencem os tamanduás. Dentre as principais características estão o rostro prolongado, a ausência de dentes, e a língua bastante desenvolvida assim como as glândulas salivares. As unhas, bem desenvolvidas, são utilizadas na procura de alimento. Possuem hábitos alimentares especializados em formigas e cupins. Nos Campos Gerais estão presentes duas espécies desta ordem, destacando-se o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*; Figura 12.3), espécie típica de áreas abertas como campos e cerrados, e naturalmente rara em toda a sua área de distribuição. É solitária, exceto no período reprodutivo, com hábitos diurnos ou noturnos, dependendo da temperatura e da movimentação humana. Alimenta-se de formigas e cupins, abrindo os ninhos com as unhas e capturando os insetos com a língua, comprida e viscosa. Estes ninhos não são esgotados e os animais voltam a se alimentar com frequência nos mesmos locais. Sua visão é reduzida, porém o olfato é bastante desenvolvido.

Já o tamanduá-mirim (*Tamandua tetadact-*



Figura 12.2: Cuíca, Jaguariaíva, 2005.
Foto: Acervo Bio situ



Figura 12.4: Tamanduás-mirins (adulto e filhote) depositados no Museu de História Natural Capão da Imbuia
Foto: Fernanda Góss Braga

yla; Figura 12.4) é uma espécie mais comum, tendo sido registrada com certa frequência em vários municípios da região.



Figura 12.5: *Euphractus sexcinctus*, outubro, 2005
Foto: Raphael E. F. Santos



Figura 12.6: Armário do Museu de História Natural Capão da Imbuia, onde estão depositados os tatus
Foto: Fernanda Góss Braga

Ordem Cingulata

É a ordem na qual estão enquadrados os tatus (Figura 12.5), cuja principal característica é a presença de carapaça. São terrestres e fossoriais (organismos adaptados à escavação), utilizando-se das unhas bastante resistentes para construir suas tocas e procurar por alimento. Os dentes são pouco diferenciados e o hábito alimentar varia entre insetivoria e onivoría.

O tatu-rabo-mole (*Cabassous tatouay*) era uma espécie comum no Parque Estadual de Vila Velha nos anos 80, e possivelmente em toda a região dos Campos Gerais, porém muito pouco se sabe sobre sua distribuição atual. O tatu-mulita (*Dasypus septemcinctus*) e o tatu-peludo (*Euphractus sexcinctus*; Figura 12.6) também são pouco conhecidos em relação a sua distribuição atual e biologia, enquanto o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) é registrado com frequência em toda a região.

Ordem Chiroptera

Ordem que reúne os morcegos, animais de pequeno porte cuja principal característica é a habilidade de vôo. Isso se deve à transformação dos membros anteriores em asas bastante resistentes. São noturnos e embora enxerguem bem, se locomovem usando um sistema de ecolocalização. Detalhes a respeito desta ordem nos Campos Gerais podem ser vistos no capítulo a seguir.

Ordem Primates

São mamíferos essencialmente arbóreos que ocupam estratos superiores das florestas, e dificilmente descem ao solo. Por esta razão a cauda é frequentemente preênsil, funcionando como um quinto membro, que auxilia no deslocamento sobre as árvores. São em sua maioria diurnos, possuem o cérebro bastante desenvolvido e demonstram complexas condutas sociais. A dentição possibilita o consumo de uma grande variedade de itens alimentares.

Nos Campos Gerais ocorrem duas espécies, destacando-se o bugio-ruivo (*Alouatta guaribana*), espécie diurna que vive em grupos familiares compostos geralmente por apenas um macho adulto e por várias fêmeas. Embora sejam bastante ágeis, os grupos locomovem-se lentamente em busca de alimento, obtido na copa das árvores. Dificilmente descem ao solo e quando o fazem é para percorrer pequenas distâncias, o que inviabiliza a sua permanência em ambientes muito fragmentados, onde a distância entre os remanescentes seja muito grande. Alimentam-se principalmente de folhas, porém frutos, sementes, brotos, flores, inclusive pólen e néctar, talos e hastes podem ser consumidos. Possuem larga expansão do ângulo da mandíbula e grande dilatação do osso hióide, o qual funciona como caixa de ressonância, permitindo a emissão de um som rouco e forte que pode ser ouvido a grandes distâncias.

Embora não tenha sido incluída na lista de espécies de mamíferos dos Campos Gerais, o mono-carvoeiro (*Brachyteles arachnoides*), maior primata das Américas e espécie criticamente em perigo de extinção no Paraná, ocorre no seu entorno imediato, em uma área fragmentada de 370 ha de Floresta Ombrófila Densa associada à Floresta Ombrófila Mista, no município de Castro (Koehler et al. 2002).



Ordem Carnívora

Esta é uma ordem bastante ampla e diversa, de dieta carnívora, que possui a importante função ecológica de regular populações de presas. Apresentam várias adaptações morfológicas que possibilitam o sucesso durante a perseguição e consumo de caça, como corpo alongado, musculatura desenvolvida e membros que permitem alcançar grandes velocidades, além de sentidos aguçados, dentes especializados, e garras desenvolvidas. É a ordem com o maior número de espécies ameaçadas no Paraná e podem ser consideradas espécies guarda-chuva, isto é, a conservação de populações viáveis de grandes carnívoros implica na manutenção de condições ambientais no que diz respeito ao tamanho de área e presença de presas em número suficiente.

Nos Campos Gerais ocorrem 16 espécies. A onça-pintada (*Panthera onca*), maior felino das Américas, é solitária e territorialista, podendo o território de um macho sobrepor ao de algumas fêmeas. Esse território é demarcado com deposições de urina ou arranhões no solo. Na região há relatos de indivíduos melânicos, ou seja, cuja coloração do corpo é negra, notando-se as rosetas na pele. Essa variação é de origem genética, podendo numa mesma ninhada nascerem filhotes pintados e negros. Sua alimentação é essencialmente carnívora, predando vertebrados de grande e médio porte, inclusive outros carnívoros. As presas, quando abatidas, têm seu pescoço quebrado e freqüentemente são arrastadas para um local seguro, para então serem consumidas. Quando em segurança, é comum que a onça volte à carcaça nos dias subseqüentes.

O puma (*Puma concolor*; Figura 12.7) também é uma espécie solitária e territorialista, de hábitos tanto diurnos quanto noturnos. É essencialmente carnívoro e possui um amplo espectro alimentar, utilizando-se de diferentes táticas para aproximação de suas presas, que são mortas por sufocamento - desde ataques surpresa até grandes perseguições, no caso de ungulados. Após alimentar-se da presa, geralmente cobre a carcaça com folhas e galhos pra voltar a alimentar-se nos dias seguintes. Há registros visuais de um indivíduo melânico na região de Alagados, em Castro.

A jaguatirica (*Leopardus pardalis*) é um felino solitário na maior parte do ano, mas que forma casais estáveis durante o período reprodutivo, e é possível que os machos participem dos cuidados com os filhotes. São bons nadadores e

sobem em árvores com facilidade, assim como os demais felinos. Alimentam-se de vertebrados com até aproximadamente 6 kg, incluindo répteis, anfíbios e aves, além de mamíferos de menor porte.

O gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*) é uma espécie de hábitos noturnos, embora algumas presas registradas em estudos de dieta tenham hábitos estritamente diurnos. Entre as presas estão pequenos mamíferos, pássaros, lagartos e grandes insetos. Pouco se sabe sobre a biologia desta espécie, porém dados de cativeiro sugerem a constituição de casais permanentes, podendo haver cuidados da prole pelos machos. Os gatos-do-mato-pequenos também possuem variação melânica.

O gato-maracajá (*Leopardus wiedii*) é uma espécie arborícola cuja característica marcante são as grandes órbitas oculares. Possui a cauda longa e articulações que permitem a rotação dos tarsos, adaptações que permitem maior agilidade sobre as árvores. Como os demais felinos, é essencialmente carnívoro, alimentando-se principalmente de vertebrados arborícolas como marsupiais, serelepes, ratos-de-espinho, aves e répteis.

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*;



Figura 12.7: Puma, Jaguariaíva, 2004.
Foto: Acervo Bio situ



Figura 12.8: Lobo-guará, Parque Estadual do Cerrado, 2000.
(Foto: Acervo Bio situ)



Figura 12.8) é o maior canídeo da América do Sul. É solitário e monogâmico; macho e fêmea compartilham o mesmo território, embora permaneçam juntos apenas no período reprodutivo. É um carnívoro generalista e sua dieta está baseada no consumo de pequenos roedores, frutos silvestres (incluindo a fruta-do-lobo - *Solanum lycocarpum*) e insetos, podendo ainda se alimentar de aves, répteis, anfíbios, caranguejos e peixes. Campos e cerrados são ambientes importantes para a espécie, incluindo os campos alagados, que favorecem o encontro de presas e são ambientes propícios para reprodução e abrigo de filhotes.

O cachorro-vinagre (*Speothos venaticus*) é um canídeo gregário, diurno e social, que vive em grupos familiares grandes, geralmente compostos por um casal reprodutivo e filhotes de diferentes idades. O sistema reprodutivo está ligado a esta estrutura social uma vez que apenas uma fêmea entra em cio, geralmente a maior, inibindo o cio das demais. No entanto, todo o grupo parece compartilhar os cuidados com a prole. Faz abrigos em ocos de árvores ou tocas, podendo inclusive aproveitar ninhos e tocas abandonadas de outras espécies como tatus. O esquema de caça cooperativa permite a captura de animais de maior porte, principalmente roedores. Parece ser uma espécie naturalmente rara e a maior parte das informações sobre o cachorro-vinagre consiste de relatos não documentados. Seu único registro confirmado no Paraná está relacionado a um indivíduo atropelado na estrada do Cerne (rodovia PR-090), no município de Castro (Zanon et al 2003), não se conhecendo, porém, sua distribuição original no Estado.

Outras três espécies de canídeos ocorrem nesta região: o graxaim-do-mato (*Cerdocyon thous*), o graxaim-do-campo (*Lycalopex gymnocercus*) e a raposinha-do-campo (*Lycalopex vetulus*).

A ariranha (*Pteronura brasiliensis*) tem seus relatos nos Campos Gerais referentes ao rio Jaguaricatu na década de 50, não havendo dados disponíveis sobre outras áreas de ocorrência, número populacional ou aspectos ecológicos nesta região. É uma espécie social, que vive em grupos familiares de até dez indivíduos, em grupos bastante coesos com atividades comandadas pelas fêmeas. São muito ágeis e velozes em água devido às adaptações morfológicas para a vida aquática como a cauda achatada dorsoventralmente em forma de remo e as membranas interdigitais amplas nas patas. Ocupam sítios fixos que são

escavados nos barrancos dos rios, à flor da água, em locais geralmente camuflados e protegidos por galhos, raízes e folhas. Estes locais são demarcados com urina, ou ainda com uma secreção anal viscosa que espalham no solo com as mãos. Alimentam-se de invertebrados (crustáceos e moluscos), anfíbios, répteis, aves e principalmente peixes.

A lontra (*Lontra longicaudis*) é uma espécie solitária, mas que mantém intensa comunicação por meio de marcas e sinais olfativos, geralmente relativos à deposição de fezes em locais bastante evidentes. Seus abrigos, chamados locas, são geralmente discretos, nos barrancos dos rios entre raízes e galhos de árvores, embora às vezes visíveis com arranhados típicos na entrada, onde também são depositadas suas fezes, as quais são bem características pela grande quantidade de escamas e ossos de peixes, além de pedaços do exoesqueleto de crustáceos, e caranguejos de rio. Fazem parte também de sua alimentação pequenos mamíferos, anfíbios e aves. Em áreas onde coexiste com a ariranha, evita disputar o alimento consumindo presas menores, e utilizando diferentes horários de atividade.

Ordem Perissodactyla

Compreende herbívoros de grande porte, que apóiam o peso do corpo sobre o dedo central de cada pata, que é geralmente mais desenvolvido que os demais. O único representante nativo desta ordem é a anta (*Tapirus terrestris*; Figura 12.9), que apresenta também como característica o lábio superior modificado em forma de uma pequena tromba, e uma predileção por ambientes associados à água. O estômago é bastante desenvolvido, porém pouco eficiente. Sua dieta é baseada no consumo de folhas e frutos, o que a torna um eficiente dispersor de algumas espécies vegetais, porém predador de outras cujas sementes são destruídas no processo digestivo. Deslocam-se por grandes distâncias, e por onde passam deixam carreiros bastante evidentes. Inexistem relatos atuais de sua presença nos Campos Gerais, porém sabe-se que a espécie já ocorreu nesta região.

Ordem Artiodactyla

Ordem composta por herbívoros que apóiam o peso do corpo em dois dedos, transformados em cascos, representada por seis espécies nos Campos Gerais. Os porcos-do-mato, queixada (*Tayassu pecari*) e cateto (*Pecari tajacu*), são



Figura 12.9: Filhote de anta, Zoológico Municipal de Curitiba, 2004.

Foto: Harvey Schlencker)



Figura 12.10: Veado-campeiro (macho), Pirai do Sul, 2001.

Foto: Fernanda Góss Braga



Figura 12.11: Cutia em criadouro científico, Curitiba, Paraná

Foto: Fernanda Góss Braga



Figura 12.12: Ouriço em sistema de manejo, Curitiba, Paraná

Foto: Fernanda Góss Braga

espécies que dependem de grandes extensões de floresta para completar seu ciclo de vida. Nos Campos Gerais, as florestas de galeria e aquelas situadas na borda da Escarpa são fundamentais para a manutenção destas espécies por serem áreas contínuas importantes para a dispersão dos grupos. A alimentação, composta por folhas, raízes e principalmente frutos, torna as espécies de grande importância na manutenção da estrutura das áreas onde vivem, seja pela predação, seja pela dispersão de uma grande variedade de espécies vegetais. O queixada vive em grupos de muitos indivíduos, podendo chegar a várias dezenas, com estrutura hierárquica bem definida. Estes grupos são coesos e em situações de perigo os animais permanecem unidos, mantendo as fêmeas e jovens em sua porção central. Por esta característica são alvos fáceis de caçadores, que conseguem abater vários animais de uma única vez. Já os catetos são menos vulneráveis nessas situações, pois os animais do grupo se dispersam pela floresta, voltando a se reunir posteriormente.

O veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*; Figura 12.10) é uma espécie gregária e social que vive em grupos de muitos indivíduos, chegan-

do às dezenas deles em algumas áreas. Embora fossem bastante numerosos no Segundo Planalto, hoje suas populações são um reflexo da fragmentação do ambiente e encontram-se restritas a poucas propriedades particulares que mantêm pelo menos parte das características originais da paisagem necessárias à sua manutenção. É considerado um pastador-podador, alimentando-se de folhas, flores e brotos.

As demais espécies de cervídeos ocorrentes nos Campos Gerais são exclusivamente florestais, como o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), o veado-mateiro (*Mazama americana*) e o veado-bororó-do-sul (*Mazama nana*).

Ordem Rodentia

Esta é a ordem de mamíferos com maior número de espécies em todo o mundo, no entanto talvez a menos conhecida. A principal característica deste grupo é a dentição composta por incisivos de crescimento contínuo, pré-molares e molares. Nos Campos Gerais ocorrem pelo menos 24 espécies das quais podemos citar a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), a cutia (*Dasyprocta azarae*; Figura 12.11), o serelepe (*Guerlinguetus*



ingrami), o ouriço (*Sphiggurus villosus*; Figura 12.12), a nutria (*Myocastor coypus*), e uma infinidade de ratos-silvestres. Destaca-se a paca (*Cuniculus paca*), espécie territorialista, noturna e esquiva que vive solitária ou em casais. Alimenta-se de folhas carnosas, tubérculos e principalmente frutos, razão pela qual são importantes dispersoras de algumas sementes e predadoras de outras, como o pinhão.

Ordem Lagomorpha

Os animais desta ordem possuem como principal característica um segundo par de dentes incisivos localizado atrás do primeiro, além da cauda curta e do lábio superior fendido. Possuem ainda orelhas bem desenvolvidas e podem se deslocar com grande rapidez, o que aumenta as chances de êxito na fuga de predadores.

A única espécie desta ordem nativa do Brasil é o tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*), presente em bordas de floresta, campos e cerrados, abrigo-se debaixo de troncos e ocos de árvores. Pouco se conhece a respeito de sua biologia e informações sobre sua distribuição no Paraná. Sabe-se que apresenta alta capacidade reprodutiva, uma vez que nascem de dois a sete filhotes por parto, podendo a mesma fêmea ter até cinco partos por ano. No entanto, a ocorrência da lebre-européia (*Lepus europaeus*), animal exótico e invasor, parece estar afetando as suas populações.

Ameaças

Vários são os fatores de ameaça incidentes sobre os mamíferos nos Campos Gerais. A descaracterização dos ambientes naturais afeta uma grande variedade de espécies, principalmente aquelas de menor plasticidade, que ocupam ambientes específicos, ou ainda aquelas que necessitam de grandes áreas contínuas para completar seu ciclo de vida. Quando o hábitat é modificado, seja para a implantação de atividades agropecuárias ou exploração madeireira, o resultado é o surgimento de fragmentos que formam “ilhas” de remanescentes da vegetação original em meio a áreas bastante modificadas. Com isto, a fauna perde espaço e as populações se restringem a áreas afastadas umas das outras, sofrendo com a endogamia e com outros problemas associados ao tamanho reduzido e ao isolamento de populações. Mais grave ainda é a implantação de monoculturas exóticas de pinus e eucalipto nos Campos Gerais,



Figura 12.13: Apreensão de caça
Foto: Acervo Instituto Ambiental do Paraná

que descaracteriza a paisagem natural, prejudicando severamente as espécies de áreas abertas, típicas desta região. Para as espécies florestais e de maior porte, essas monoculturas propiciam a formação de corredores de deslocamento onde, no entanto, a oferta de alimento é praticamente nula.

A caça indiscriminada (Figura 12.13) é um fator de grande impacto para a mastofauna, uma vez que é realizada de maneira seletiva, onde a concentração de esforços na perseguição a uma dada espécie pode, em pouquíssimo tempo, eliminar todos os indivíduos de uma população. Espécies de grande tamanho corporal, bem como aquelas de baixo potencial reprodutivo são as mais prejudicadas por esta prática e as primeiras a desaparecer em locais onde sua caça é freqüente. E ainda o abate de animais pelo alegado prejuízo às lavouras ou aos rebanhos domésticos tem impacto direto sobre populações.

A presença de espécies exóticas também é um fator de risco, seja pela competição direta por ambiente e alimento (como é o caso do javali e da lebre), seja pela transmissão de enfermidades (ungulados domésticos como bovinos e ovinos), ou ainda pela predação de animais nativos (cães e gatos domésticos).

Outra ameaça às populações é o tráfico de animais silvestres, caracterizado pela venda de indivíduos, e pelo comércio ilegal de carne ou derivados como peles, chifres e partes do corpo ao mercado interno e externo.

Os atropelamentos nas rodovias são ocorrências bastante freqüentes (Figuras 12.14, 12.15,



Figura 12.14: Veado-campeiro (fêmea) atropelado em uma estrada no interior de uma propriedade rural em Piraí do Sul
Foto: Adalgiza R. Ortega



Figura 12.15: Lobo-guará atropelado na BR-277 no entorno imediato do Parque Estadual de Vila Velha
Foto: Raphael Sobanya)



Figura 12.16: Graxaim-do-campo atropelado na PR-090, município de Piraí do Sul
Foto: Fernanda Góss Braga



Figura 12.17: Tamanduá-bandeira atropelado na PR-151, município de Sengés
Foto: Fernanda Góss Braga

12.16 e 12.17). Além daqueles acidentais, muitos motoristas propositalmente atropelam os animais que atravessam a estrada, principalmente durante a noite, quando a luz dos veículos ofusca a sua visão.

As queimadas realizadas anualmente na região como prática comum entre os proprietários rurais, atingem principalmente espécies de locomoção lenta, ninhos, ou ainda aquelas que necessitam de ambientes úmidos e não resistem ao calor, mesmo que o fogo não atinja diretamente o seu abrigo. O fogo colocado em coroa é o mais prejudicial, pois impossibilita a fuga dos animais.

Além de todos os aspectos acima apresentados, existe ainda uma outra grave ameaça à conservação da fauna o desconhecimento da população quanto ao impacto de suas ações sobre os ambientes naturais, associado à falta de consciência de que a fauna também faz parte do nosso patrimônio natural.

Considerações finais

Embora o número de espécies de mamíferos com algum tipo de registro nos Campos Gerais

seja expressivo, sabe-se que este pode aumentar significativamente com o desenvolvimento de inventários mastofaunísticos ao longo de toda a região. Os poucos estudos realizados foram em sua maioria direcionados a alguma espécie ou grupo de espécies, e estiveram concentrados principalmente nas áreas protegidas ali existentes. Estas Unidades de Conservação são de grande importância para a manutenção dos campos naturais e a preservação de suas características peculiares, porém no que diz respeito à fauna elas podem ser pouco efetivas pela baixa representatividade de espécies ali encontradas e pelo tamanho insuficiente para comportar populações viáveis de grande parte destas espécies. Por esta razão é necessário que outras Unidades de Conservação sejam criadas neste tipo de ambiente para que esta riqueza faunística não seja perdida, permitindo que as próximas gerações possam conhecer e admirar as belezas desta região.

Pode-se observar ainda que a fauna dos Campos Gerais não tem recebido a importância que realmente merece. Além do grande número de



espécies existentes devido à alta diversidade de ambientes ali representados, muitas delas são exclusivas dos campos propriamente ditos, ocorrendo apenas nesta região. Todas essas espécies têm funções ecológicas fundamentais para a manutenção do equilíbrio natural das áreas onde se encontram, e a conservação dos ambientes naturais

ainda não alterados, ou com baixo grau de intervenção, é de grande importância para a preservação de populações dessas espécies a longo prazo. É necessário, no entanto, que as espécies da fauna sejam valorizadas como pertencentes à paisagem e como parte integrante do complexo patrimônio natural desta região ímpar do Paraná.

Referências Bibliográficas

- BRAGA FG. 2004. Influência da agricultura na distribuição espacial do *Ozotoceros bezoarticus* Linnaeus, 1758 (veado-campeiro) em Pirai do Sul, Paraná - parâmetros populacionais e uso do ambiente. Curitiba: Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais), Universidade Federal do Paraná, 84p.
- BRAGA FG. 2004. Tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), espécie criticamente em perigo: uma preocupação no estado do Paraná. Acta Biol Par 33 (1,2,3,4): 193-194.
- IAP. INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ 2002. Plano de Manejo para o Parque Estadual do Cerrado Avaliação Ecológica Rápida - Curitiba, STCP Eng. de Projetos Ltda.
- IAP. INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ 2002. Plano de Manejo para o Parque Estadual do Guartelá Avaliação Ecológica Rápida - Curitiba, STCP Eng. de Projetos Ltda.
- KOEHLER A, PEREIRA LCM & NICOLA PA. 2002. New locality for the woolly spider monkey *Brachyteles arachnoides* (E. Geoffroy, 1806) in Parana State and the urgency of strategies for conservation. Est Biol 24 (49): 25-28.
- LANGE RB & JABLONSKI E. 1998. Mammalia do Estado do Paraná Marsupialia. Est Biol 43:15-224.
- MARGARIDO TCC. 2001. Aspectos da história natural de *Tayassu pecari* (Link, 1795) (Artiodactyla, Tayassuidae) no Estado do Paraná, Sul do Brasil. Tese (doutorado em Zoologia), Universidade Federal do Paraná. 109 p.
- MIKICH SB. & BERNIL SRS. 2004. Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no estado do Paraná. Curitiba: IAP. 764p.
- PONTES-FILHO A, SILVA CBX, LANGE RR & CAVALCANTI RK. 1997. Projeto lobo-guará Contribuição à conservação ambiental dos Campos Gerais do Paraná Brasil. Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Anais. V.2. Curitiba: IAP: UNILIVRE: Rede Nacional Pro Unidade de Conservação. p 848-860.
- ZANON CMV, GEALH A.M & BRUSAMARELLO LCC. 2003. Último relato do cachorro-do-mato-vinagre *Speothos venaticus* na região dos Campos Gerais, Paraná - Brasil. In: Congresso Brasileiro de Mastozoologia (2: 34). Anais... Belo-Horizonte.